

*Reflexão para o 70º aniversário das Dominicanas do Rosário Perpétuo
Mosteiro Pio XII em Fátima por
Pe. Lawrence Lew, OP Promotor Geral do Rosário da Ordem dos Pregadores*

O Mosteiro Dominicano como Experiência de Misericórdia e Graça Custosa

“A Igreja Católica está, atualmente, a atravessar um período doloroso. Se escutarmos os suspiros e gemidos de todas as grandes almas, reconhecemos um imenso desejo de fazer descer sobre o mundo a misericórdia de Deus. De todos os lados ouvimos repetir constantemente estas palavras: Orações, orações, precisamos de orações, como precisamos de pão para viver... Só Deus pode consolar-nos, livrar-nos, salvar-nos.”

Estas palavras poderiam ter sido escritas este ano, mas, de facto, foram escritas no aniversário de Nossa Senhora de 1875. E o autor destas palavras é o Padre Damien Marie Saintourens OP, fundador das Irmãs Dominicanas de Clausura do Rosário Perpétuo. No mesmo diário, ele escreve que “hoje os defeitos da sociedade acumulam-se e incitam Deus contra nós”. Estas palavras recordam-nos imediatamente o que Nossa Senhora do Rosário disse a 13 de outubro de 1917: "Os homens devem emendar a sua vida e pedir perdão pelos seus pecados. Os homens não devem continuar a ofender o nosso Senhor Divino que já está demasiado ofendido".

Mas o que é que significa a misericórdia, que o Padre Saintourens diz que desejamos imensamente? Será apenas um pedido de perdão, para que Deus ignore ou desculpe as nossas ofensas? Certamente que não, pois Nossa Senhora, neste lugar santo de Fátima, diz-nos para deixarmos de ofender Deus. A nossa oração por misericórdia é, portanto, uma oração pela graça de deixar de pecar.

No entanto, notamos que há uma tendência dominante no nosso tempo para evitar a linguagem da ofensa a Deus. Dizem-nos também que não se pode dizer que Deus está zangado nem que está a ser “incitado contra nós”. Assim, a mensagem de Fátima não é frequentemente ouvida na sua plenitude, ou é mesmo ignorada em muitos sectores. Em vez disso, dizem-nos que Deus é misericordioso. Ora, a misericórdia é própria de Deus, claro, e como diz S. Tomás de Aquino, nosso irmão, “é próprio da misericórdia ser abundante” ou generosa, “com os outros” e, assim, dar-lhes o que precisam, consolar na dor, aliviar a dor do outro. Devemos, pois, afirmar com a Escritura que Deus é rico em misericórdia, sempre pronto a ceder e a perdoar o pecador arrependido. E, no entanto, esta não é uma imagem completa da misericórdia se não falarmos também do efeito da misericórdia de Deus em nós. Como é que respondemos ao dom da misericórdia de Deus? Nossa Senhora diz: “Os homens devem emendar a sua vida e pedir perdão pelos seus pecados”. Repara que é preciso agir, é preciso mudar de vida, e depois pedir perdão. Por outras palavras, é preciso a graça do arrependimento, a graça da conversão de vida. Isto, de facto, é o que significa desejar misericórdia, rezar por misericórdia. Porque o arrependimento e a penitência é o fruto da oração.

Por isso, se estivermos atentos às Escrituras, veremos que a Palavra inspirada de Deus fala também da fúria de Deus, da ira de Deus, etc. Claro que, como explica São Tomás de Aquino, “quando se diz que Deus está zangado, não lhe atribuímos um sentimento perturbado como o que existe na mente de um homem zangado, mas chamamos ao seu justo desagrado contra o pecado o nome de “fúria”, palavra transferida por analogia das das emoções humanas”. Assim, os nossos pecados provocam o desagrado de Deus porque o pecado prejudica-nos, e fere e até rompe a nossa relação com Deus, nosso Pai amoroso. O pecado, pelo qual o homem faz o que quer e lhe apetece - muitas vezes de forma desordenada por causa da concupiscência e das feridas do pecado original - ofende a bondade de Deus. Os actos pecaminosos, como mostra a Escritura, são uma rebelião contra a sábia ordem de Deus na criação. Tragicamente, através do pecado, estamos muitas vezes a tentar agarrar-nos à felicidade e à verdade, pensando que podemos alcançá-las por nós próprios, independentemente de Deus. Por isso, Satanás seduziu Eva a tomar o fruto proibido, dizendo-lhe: “serás como Deus, conhecendo o bem e o mal”.

(Gn 3,5) Em vez disso, o pecador torna-se como Deus, fazendo de si próprio o auto-determinante do que é bom ou mau, vivendo independentemente de Deus, uma vida ateia que se esforça por construir o paraíso na terra através de uma vontade política e da engenharia social. Não é a isto que Nossa Senhora de Fátima se refere como os “erros da Rússia”, a vida sem Deus com os Homens entronizados como deuses?

De facto, São Paulo fala também do efeito social do pecado desta forma: “De facto, desde a criação do mundo, Deus que é invisível mostrou claramente o seu poder eterno e a sua divindade nas suas obras. Por isso não têm desculpa. Eles sabiam que Deus existe, mas não o adoraram nem lhe deram graças como é devido. Pelo contrário, os seus raciocínios tornaram-se vazios e os seus corações insensatos perderam-se na escuridão. Dizem-se sábios mas não têm juízo. Em vez de darem glória ao Deus imortal, adoraram imagens do homem mortal e até adoraram imagens de aves, serpentes e outros animais.” (Rm 1:20-23) Por isso, diz o apóstolo, “como não quiseram Deus entregou-os a uma mente vil e a um comportamento impróprio”. (Rm 1,28) Assim, as dores de que falaram o Padre Saintourens, e todos os santos e papas ao longo dos anos, é de facto a desordem da sociedade, que se afasta de Deus, que não O reconhece e que, em vez disso, "trocou a verdade sobre Deus por uma mentira e adorou e serviu a criatura em vez de servir o Criador". (Rm 1,25) Este é o efeito aterrador do pecado e de um mundo que não pede a misericórdia de Deus porque não reconhece o problema em que se encontra.

Assim, se estivermos atentos ao ensinamento de S. Paulo, apercebemo-nos de que a ira de Deus e o castigo de Deus não são uma espécie de atividade divina sensacionalista, como as pandemias, as guerras e os grandes sinais do céu. Muitas pessoas pensam em Fátima e pensam, por exemplo, nestes últimos. Mas, de facto, para S. Paulo, a ira de Deus manifesta-se pelo facto de Deus reter a sua ação. Isso deve-se ao facto de Deus só poder atuar para o bem, para causar o bem e para realizar o nosso bem. E, no entanto, quando rejeitamos Deus através do nosso pecado, e quando o fazemos como nação, parece que Deus nos deixa sem arrependimento, permite que o pecador continue a entregar-se ao pecado e ao erro sem sentir contrição ou conversão do coração. Este é um estado terrível e doloroso, não é verdade? Então, o que é que podemos fazer perante esta situação que, se já era grave em 1875, e ainda mais em 1917, é definitivamente ainda mais grave no século XXI?

O nosso santo pai São Domingos, considerando a impenitência e a ignorância pecaminosa dos seus contemporâneos, oferecia assim todas as noites penitência pelos pecadores, e clamava: “Meu Deus, minha misericórdia, que será dos pobres pecadores?” Nossa Senhora, aparecendo em Lourdes em 1858, disse assim: “Penitência, penitência, penitência”. E o Padre Saintourens em 1875: “Orações, orações, orações”. Nossa Senhora, quando veio a Fátima, pediu que se rezasse o terço, e que se fizessem penitências e sacrifícios para a conversão dos pecadores. Nossa Senhora vem, pois, a Fátima para ensinar as almas generosas a tornarem-se intercessoras, a fazerem como S. Domingos, que ofereceu os seus sofrimentos para a salvação dos pecadores. É nesta perspectiva que a fundação deste mosteiro de Dominicanas do Rosário Perpétuo é vista como um sinal da misericórdia e da graça de Deus. Porque é entre estas paredes, desde há 70 anos, que a oração de S. Domingos e o seu exemplo de penitência se manifestam. Domingos, e o seu exemplo de penitência para a conversão das almas, é vivida. De facto, é aqui os pedidos de Nossa Senhora às crianças de Fátima são perpetuamente realizados: "Rezai, rezai muito. Fazei sacrifícios pelos pecadores".

Por isso, quando rezamos pela misericórdia de Deus, quando desejamos a misericórdia de Deus e quando falamos da misericórdia de Deus, devemos ser claros no que queremos dizer: Procuramos a graça da conversão para nós e para os outros; desejamos o arrependimento do nosso coração; queremos emendar a nossa vida e pedir perdão dos pecados para que Deus não seja mais ofendido, como diz Nossa Senhora. Porque a misericórdia, bem entendida, é o dom do arrependimento e conversão de vida que vem do fundo do coração sagrado de Deus, e o fruto desta misericórdia é que, através de uma vida penitencial e de actos de penitência, nos aproximemo de Deus na fé, na esperança e na caridade.

Um mosteiro como este é, sem dúvida, no seu melhor, uma experiência viva da misericórdia de Deus e foi estabelecido aqui desde 1954 até hoje, para servir de testemunho e como sinal, de facto, de uma *sacra praedicatione*, para todos da misericórdia de Deus. Porque aqui, dentro destas paredes, Deus está a trabalhar na vossa comunidade, e na alma de cada irmã amada, para vos aproximar cada vez mais de Si. Aqui, os vossos sacrifícios e orações, orações, orações que o nosso mundo precisa urgentemente, mais do que o pão, mais do que do que qualquer coisa material, são oferecidos ao Senhor Deus misericordioso e à honra de Nossa Senhora para a conversão dos pecadores. Como dizia o Padre Saintourens: "Esta seria a grande missão das Irmãs Dominicanas do Rosário Perpétuo, consagrando-se dia e noite à oração para tocar o coração de Deus... e para obter, por intercessão da Santíssima Virgem, o perdão e a misericórdia".

Assim, uma comunidade monástica contemplativa, centrada no Rosário perpétuo e noutros actos de penitência, como é o caso deste mosteiro, recorda a todos o sentido da misericórdia e a necessidade de pedirmos constantemente a misericórdia de Deus para que a humanidade se afaste do pecado e deixe de ofender a Deus. Neste sentido, é também uma repreensão e como sinal de contradição com o mundo e a sua mentalidade materialista. Muitas vezes, mesmo na Igreja, a misericórdia foi entendida isoladamente, sem o sentido da dívida de justiça causada pela ofensa do pecado, nem da reparação a ser feita pelo penitente, nem do objetivo transcendente da misericórdia que é o regresso a Deus e o afastamento do pecado, desprezando-o. Por vezes, falar de misericórdia pode ser desvalorizado de forma materialista, ou mesmo autoindulgente ou, pior ainda, de uma forma autoritária, de modo que parece que Deus nos deve o seu perdão, e pensa-se que Deus não nos castiga pelo pecado, nem se ofende, mas que compreende e ignora indulgentemente os nossos pecados. Aos olhos do mundo, infelizmente, ser misericordioso é falsamente entendido como ser indulgente e permissivo em relação ao pecado. Mas nós sabemos que se trata de uma falsa misericórdia, porque se não formos levados ao arrependimento e à conversão de vida, então o que experimentamos é a ira de Deus, segundo São Paulo! Repara, pois, nesta estratégia perene do Príncipe da Mentira para perverter a verdade e, assim, seduzir-nos a optar pelo fruto envenenado da "graça barata".

Se nunca ouviram a expressão "graça barata", permitam-me que partilhe convosco estas palavras de Dietrich Bonhoeffer, um pastor luterano que foi martirizado pelos nazis em 1945. No seu livro clássico, *The Cost of Discipleship (O Custo do Discipulado)*, ele escreve: "A graça barata é a pregação do perdão sem exigir arrependimento, do batismo sem disciplina da igreja, comunhão sem confissão, absolvição sem confissão pessoal. Graça barata é graça sem discipulado, graça sem a cruz, graça sem Jesus Cristo, vivo e encarnado." Assim, Fátima e a sua mensagem essencial de Nossa Senhora do Rosário, que é um apelo à oração e ao arrependimento, e a união com Cristo Crucificado, que contrasta fortemente com a mensagem do Diabo desta graça barata; Maria está sempre a pisar a cabeça da serpente!

Em Fátima, Nossa Senhora deixa claro que, quando pede oração, está a falar do Rosário, que é o seu dom para a Igreja e para o mundo, dado através da Ordem Dominicana. Que graça é para nós, dominicanos, termos sido confiada a pregação e a oração do Rosário! No fundo, o Rosário é nada mais nada menos que uma pregação do preço da graça divina. Porque a misericórdia e o amor de Deus são caros: custam-lhe a encarnação da Segunda Pessoa da Trindade, que depois é oferecido em Sacrifício na Cruz para que possamos participar na sua glória e herdar o Reino dos Céus. Por isso, São Pedro diz: "Saibam que foram resgatados daquela vida inútil que tinham herdado dos antepassados. E não foi pelo preço de coisas que desaparecem, como a prata e o ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como o de um cordeiro sem mancha nem defeito. ". (1 Pd 1,18-19) É este o preço da nossa salvação, o nosso resgate do pecado, e o Rosário permite-nos meditá-lo.

Com efeito, o Rosário centra-nos no que Deus fez pela nossa salvação - o preço da graça - e também no preço do nosso discipulado e infunde em nós a graça de que necessitamos para seguir Cristo até ao fim. De facto, como disse o Papa Pio XII: "verdadeiramente, a partir da meditação frequente dos Mistérios, a alma, pouco a pouco e impercetivelmente absorve as virtudes que eles contêm, e acende-se maravilhosamente com o desejo

das coisas imortais, e torna-se forte e facilmente impelida a seguir o caminho que o próprio Cristo e a sua Mãe seguiram".

Permitam-me que fale um pouco mais sobre aquilo a que chamo "a forma teológica do Rosário". Como explico no meu livro *Mistérios tornados visíveis*, "no Rosário contemplamos a plenitude da vida de Cristo, os mistérios da nossa salvação através da sua encarnação, da sua paixão e morte, da sua ressurreição e regresso ao Pai. Na tradição dominicana, os mistérios da salvação foram organizados em três conjuntos e formam um grande tríptico no qual contemplamos e vemos o surpreendente plano divino da salvação: segundo as palavras de Santo Atanásio, 'o Filho de Deus fez-se Homem para que o Homem se tornasse Deus'. (CIC 460) Neste tríptico, a obra da salvação é assim revelada". Nos Mistérios Gozosos, contemplamos Deus que se faz Homem para nossa salvação, unindo a sua natureza divina à nossa natureza humana para curar as feridas do pecado. Nos Mistérios Dolorosos contemplamos a profundidade do amor de Deus por nós, morrendo para nos redimir do pecado e do efeito do pecado que é a morte eterna, partilhando até da nossa mortalidade, da nossa dor, sofrimento e morte. "São Tomás de Aquino recorda-nos que não foi a extensão dos sofrimentos de Cristo que conquistou a nossa salvação, mas sim a intensidade do seu amor, pois uma gota do precioso Sangue de Jesus teria sido suficiente para redimir o mundo, porque o amor de Deus é infinito. Assim, ao rezarmos os Mistérios Dolorosos, somos levados a maravilhar-nos com a profundidade do amor redentor de Deus, manifestado na Paixão e na Cruz. E, finalmente, nos Mistérios Gloriosos, contemplamos o efeito das obras salvíficas de Cristo que é o facto da Humanidade estar agora unida a Deus no Céu". Somos santificados, de facto, e divinizados pela caridade que nos torna semelhantes a Cristo. "Este efeito glorioso [da graça santificante] vê-se, antes de mais, na Assunção e Coroação de Nossa Mãe Santíssima", pois ela reina com Cristo, e assim o faremos se seguirmos fielmente a Cristo. Porque, como diz S. Paulo, devemos ser co-herdeiros com Cristo no Reino dos Céus.

O Rosário, portanto, nos seus quinze mistérios, que foram pregados pela primeira vez sob esta forma por nós, dominicanos, revela o plano de salvação de Deus para cada ser humano. Eles também despertam em nós, portanto, o desejo da misericórdia de Deus, da graça da conversão. De facto, fazendo eco das palavras do Padre Saintourens, os Rosários que rezamos são os "suspiros e gemidos de todas as grandes almas [que] desejam atrair sobre o mundo a misericórdia de Deus". E nos Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos, proclamamos com o Padre Saintourens que "só Deus pode consolar-nos, libertar-nos, salvar-nos".

Voltando a Bonhoeffer, deixem-me partilhar convosco aquilo a que ele chama "graça cara", porque precisamos de saber, não só o que Deus fez por nós, mas também, com os dons que Deus nos deu, o que exige de nós. Creio que cada Irmã que entregou a sua vida à *opera Dei* neste mosteiro encontrará nestas palavras do mártir, que lhes ressoarão.

Bonhoeffer diz: "A graça custosa é o tesouro escondido no campo; por causa dela, um homem vai e vende tudo o que tem. É a pérola de grande valor para qual o comerciante venderá todos os seus bens. É o governo real de Cristo, por causa do qual um homem arrancará o olho que o faz tropeçar; é o chamamento de Jesus Cristo, ao qual o discípulo deixa as suas redes e o segue.

A graça custosa é o evangelho que tem de ser procurado uma e outra vez, o dom que tem de ser pedido, a porta à qual o homem tem de bater.

Essa graça é cara porque nos chama a seguir, e é graça porque nos chama a seguir Jesus Cristo. É cara porque custa a vida ao homem, e é graça porque dá ao homem a única vida verdadeira. É caro porque condena o pecado, e é graça porque justifica o pecador. Acima de tudo, é caro porque custou a Deus a vida do seu Filho: "fostes comprados por um preço", e o que muito custou a Deus não pode ser barato para nós. Acima de tudo, é graça, porque Deus não considerou o seu Filho um preço demasiado caro para pagar pela nossa vida, mas entregou-o por nós. A graça custosa é a Encarnação de Deus".

Assim, todos os dias, aqueles que deixaram tudo para seguir Jesus; para o adorar aqui no mosteiro; honrar a Mãe de Deus com uma “guarda de honra”, rezando rezar o terço hora após hora; reparar o pecado e rezar assim por aqueles que se perderam; aqueles que renovam a sua consagração todos os dias para para oferecer a Deus de novo a sua vida, os seus sacrifícios, as suas dores e alegrias - por outras palavras, vós, minhas queridas Irmãs - recebeis uma graça, uma graça custosa, que brota do Senhor Encarnado. O efeito desta graça, com o tempo, é que cada uma de vós, queridas Irmãs, e assim também cada um de nós, cristãos batizados, encarnará, através dos nossos próprios corpos e pessoas, o Senhor Deus. Seremos conformados a Cristo e tornar-nos-emos como Cristo; divinizados.

É claro que cada um de nós está demasiado consciente das suas próprias falhas e fraquezas. Conhecemos, também a nossa resistência à graça de Deus e as coisas que nos impedem de de progredir na santidade. E, no entanto, recordemos as palavras de Jesus: "Fui Eu que vos escolhi vos" (Jo 15,16). A comunidade monástica e religiosa é, portanto, um testemunho da misericórdia de Deus, porque aqui vemos que, apesar das nossas fragilidades, Deus está a agir e, na sua misericórdia, transforma-nos gradualmente à semelhança do seu Filho amado, transplantando o nosso coração com a sua graça, para que o nosso bata em sintonia com os corações de Jesus e de Maria, para que a nossa vida se conforme à de Cristo e os nossos lábios falem o Fiat de Maria. Tudo isto é obra de Deus, obra da sua graça, que no Imaculado Coração, devemos entregar-nos.

Daí que o Padre Saintourens tenha dito: “É Ele que faz tudo e o homem não passa de um simples instrumento nas Suas mãos... qualquer que seja a sua fraqueza, a sua ignorância, a sua pobreza, a obscuridade do seu nascimento - numa palavra, a sua falta de todos os meios humanos - [ainda] ele participa de alguma forma da onnipotência de que é instrumento; ele produz obras cujo poder e longa vida espantam a razão. Isto é pertencer a Deus e deixar-se guiar por Ele. Tal era o traço característico de Domingos. A força depende totalmente desta conformidade". Sim, a nossa força vem do facto de conhecermos a nossa necessidade da misericórdia de Deus, de sabermos que somos pecadores sempre necessitados da sua graça salvadora, para nos voltarmos cada dia para Deus e recebermos da sua da sua graça. Assim, diariamente, no nosso Rosário quotidiano, invocaremos Deus na nossa necessidade e rezaremos pelas necessidades de todo o mundo: “Meu Deus, minha misericórdia, que será dos pobres pecadores?” Durante setenta anos, este foi o grito de misericórdia de São Domingos a ressoar aqui dentro destas paredes, e as penitências e sacrifícios deste Mosteiro de Pio XII eleva uma grande oração pelas graças que converterão os corações dos pecadores conduzindo-os a Deus. Damos graças a Deus pelas graças que tornaram possível tudo isto aqui neste mosteiro dominicano no coração de Fátima.

O Padre Saintourens tinha escrito, há quase 150 anos, que a Igreja estava a atravessar um período doloroso. Mas, de facto, apercebemo-nos de que se trata de um facto perene, pois a Igreja encontra-se sempre em união com o seu Senhor sofredor, e nós estamos com o Senhor na sua Paixão, e somos convidados a unir os nossos sofrimentos, os nossos sacrifícios, as nossas dores às suas, para a redenção das almas, para a conversão dos pecadores. Como Nossa Senhora mostrou às crianças abençoadas de Fátima como fazer isso, e como Santa Jacinta, São Francisco e Irmã Lúcia responderam, bela e generosamente, a essa graça, e quão grande é esta oração que cada um de nós deve interiorizar e dizer sempre que tivermos de sofrer alguma coisa, pequena ou grande, sobretudo nos nossos claustros: "Ó Jesus, ofereço-Te isto por amor de Ti, pela conversão dos pecadores e em reparação de todos os males cometidos contra o Imaculado Coração de Maria". Após 150 anos do Padre Saintourens ter escrito sobre a nossa necessidade de orações e de misericórdia, a nossa necessidade hoje é cada vez maior. Precisamos de almas generosas que aceitem os sofrimentos desta vida para a conversão dos pecadores; para oferecer em reparação do pecado; e, sobretudo, que se inscrevam em mosteiros como este para rezar perpetuamente o terço para que tenhamos paz e vejamos o fim da guerra, ou seja, o fim do pecado.

Por isso, quando o Papa Bento XVI visitou Fátima em 2010, disse "O Senhor disse-nos que a Igreja estaria constantemente a sofrer, de diferentes formas, até ao fim do mundo. O importante é que à mensagem, a resposta

de Fátima, em substância, não se dirige a devoções particulares, mas precisamente à resposta fundamental, isto é, à conversão permanente, à penitência, à oração e às três virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade. Assim, vemos aqui a verdadeira resposta fundamental que a Igreja deve dar - que nós, cada um de nós, deve dar nesta situação. Quanto às coisas novas que podemos encontrar nesta mensagem de hoje, há também o facto de que os ataques ao Papa e à Igreja não vêm apenas do exterior, mas os sofrimentos da Igreja vêm precisamente do seu interior, do pecado existente na Igreja. Também isto é algo que sempre soubemos, mas hoje vemo-lo de uma forma verdadeiramente aterradora: que a maior perseguição da Igreja não vem dos seus inimigos exteriores, mas do pecado que existe dentro da Igreja, portanto, há uma profunda necessidade de reaprender a penitência, de aceitar a purificação, de aprender o perdão, por um lado, mas também a necessidade de justiça. O perdão não substitui a justiça. Numa palavra, é preciso reaprender, precisamente, estes essenciais: a conversão, a oração, a penitência e as virtudes teologais".

Quando li, pela primeira vez, estas palavras do Papa Bento XVI, no ano do centenário das aparições de Fátima, apercebi-me da importância de Fátima para toda a Igreja. Esta é uma escola em que Nossa Senhora nos ensina de novo o essencial da conversão, da oração, da penitência, da fé, da esperança e da caridade. Por outras palavras, Fátima é uma escola de santificação. Aqui reaprendemos o que esquecemos como Igreja, e aqui, como membros do Corpo Místico de Cristo, podemos aprender como, nos nossos próprios corpos, podemos suprir o que falta nos sofrimentos de Cristo (cf. Col 1, 24), na reparação do pecado e para a conversão e salvação das almas - chamo a isto chamo a isto 'o segredo esquecido de Fátima'!

E depois, quando vim a Fátima pela primeira vez em 2019, poucos meses depois de o o Mestre da Ordem me ter confiado o papel de *Promotor Generalis pro Rosario*, descobri este mosteiro e conheci as nossas monjas dominicanas do Rosário Perpétuo. Vocês, queridas Irmãs, cumprem a vossa vocação dominicana que é ser nossas mestras nestes caminhos de santificação sempre antigos e sempre novos, aqui nesta escola de santificação que é Fátima. Quanto tenho aprendido convosco, e ajudaram-me e inspiraram-me na minha missão. Obrigado por responderem ao chamamento de Deus, dia após dia, e louvamos e agradecemos a Deus pela vossa vocação, pelo dom deste mosteiro e pelas graças que recebem todos os que aqui vêm. Verdadeiramente, como declara o livro das Lamentações: " A compaixão do Senhor por nós não se esgotou ainda, o seu amor não chegou ao fim. A sua bondade é renovada cada manhã e grande é a sua fidelidade." (Lam 3:22-23)

Na altura em que vos visitei pela primeira vez, em 2019, tive a grande alegria, como frade dominicano inglês, de conhecer a última freira da nossa província inglesa, a Irmã Mary John Ronayne, e lembro-me dela com carinho nas minhas orações. Mas hoje, como ela já não está, eu renovo a minha oração pelo renascimento da vida monástica dominicana no Reino Unido, e confio esta oração a todas vós, queridas Irmãs. Na providência de Deus e com a intercessão de Nossa Senhora, possamos ver a fundação de uma nova comunidade de Monjas Dominicanas do Rosário Perpétuo na minha província natal de Inglaterra!

Peço a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, e ao nosso pai São Domingos que nos concedam esta misericórdia! Porque verdadeiramente "só Deus pode consolar-nos, livrar-nos e salvar-nos", e grande é a nossa necessidade da sua misericórdia. Amém.

Original Inglês Tradução via deepl com correcções